



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Piccinini, Cesar Augusto; Silva, Milena da Rosa; Gonçalves Ribeiro, Tonantzin; Lopes Sobreira, Rita;
Tudge, Jonathan

O Envolvimento Paterno durante a Gestação

Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 17, núm. 3, 2004, pp. 303-314

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18817303>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O Envolvimento Paterno durante a Gestação

Cesar Augusto Piccinini^{1 2}

Milena da Rosa Silva

Tonantzin Ribeiro Gonçalves

Rita Sobreira Lopes

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Jonathan Tudge

University of North Carolina at Greensboro, EUA

Resumo

O período de gestação da companheira exige uma série de adaptações por parte do pai, que precisa se preparar para os papéis que deverá assumir frente ao bebê e à sua nova família. Neste sentido, o presente trabalho teve como objetivo investigar como se dá o envolvimento paterno durante o 3º trimestre de gestação. Participaram deste estudo 35 pais de primeiro filho, com idades entre 21 e 40 anos. Os pais foram entrevistados individualmente e as suas respostas foram analisadas através de análise de conteúdo. Os resultados indicaram que muitos pais estiveram envolvidos de diversas maneiras durante a gestação de suas companheiras, mostrando-se emocionalmente conectados à gestante e ao bebê. No entanto, alguns encontravam dificuldades quanto ao envolvimento com seu filho, parecendo não percebê-lo como real e não estabelecendo uma ligação emocional com a gestação. Estes dados apontam para indícios de uma modificação quanto à percepção da gestação, a qual se encontra cada vez menos restrita ao universo feminino.

Palavras-chave: Envolvimento paterno; gestação; maternidade.

Father's Involvement during the Gestation

Abstract

The gestational period requires a series of adaptations from the father's side, who needs to prepare himself for the roles he will assume vis-à-vis the baby and his/her new family. The present study aimed at investigating father's involvement during the third trimester of gestation. Thirty-five fathers, aged 21 to 40, who were expecting their first child, took part in the study. Fathers were interviewed individually and their answers were examined through content analysis. Results indicated that many fathers were involved in different ways during their partner's pregnancy, being emotionally connected to the pregnant partner. However, some fathers still found difficulties concerning involvement with their child, seeming not to perceive him as real and showing low emotional connection with pregnancy. These data point to signs of change concerning the perception of pregnancy, which is increasingly less restricted to the feminine domain.

Keywords: Father's involvement; gestation; fatherhood.

O período de transição para a parentalidade exige uma série de adaptações e mudanças por parte dos futuros pais, tanto em nível psicológico e biológico como social (Salmela-Aro, Nurmi, Saisto & Halmesmäki, 2000). A gestação funciona, para os pais, como um período de preparação para os novos papéis que deverão

A trajetória masculina rumo à paternidade exige uma série de adaptações e mudanças por parte do pai, pois somente a mulher poderá se preparar para a chegada do bebê, dar à luz e amamentá-lo. Por isso, é importante que os pais estejam envolvidos durante a gestação. Maldonado, Dickstein e Nahourian (2000) afirmam que muitos pais não conseguem criar um vínculo

este período de adaptação. No entanto, o homem deve fazer adaptações similares às da mulher, e enfrenta dúvidas e angústias também semelhantes.

Nas sociedades ocidentais, os papéis assumidos por pais e mães têm sido tradicionalmente diferentes. A mãe possui o papel de cuidadora primária e o pai, o de provedor das necessidades materiais da família, apoiando indiretamente a díade mãe-bebê (De Martini, 1999; Levy-Shiff & Israelashvili, 1988). Além do apoio material, o suporte emocional à gestante também se constitui em uma importante função atribuída ao pai (Klaus & Kennell, 1992). Neste sentido, segundo os autores, a aceitação do bebê pelo companheiro é um fator significativo para o desenvolvimento do apego materno ao bebê. Sua ajuda se dá, principalmente, através do apoio à mulher na harmonização de seus conflitos da infância em torno da maternidade.

Recentemente, autores como Parke (1996) assinalaram que os pais vêm assumindo outras tarefas com relação aos filhos, sendo que o estereótipo do pai incompetente e desinteressado em relação aos cuidados primários não vem sendo confirmado por muitos estudos recentes. Segundo o autor, o grande envolvimento das mulheres no campo profissional e o novo papel social do trabalho feminino, dentre outros fatores sócio-econômicos, vêm abrindo espaços para a participação dos pais nos cuidados com seus filhos. Desta forma, os pais estariam mais ativos em sua parentalidade, exercendo influências diretas sobre o desenvolvimento de seus filhos. Conforme Brazelton (1988), existe uma nova consciência de que criar um filho é também função do pai, mas ainda não há clareza quanto a este novo papel, e aqueles homens que assumem esta responsabilidade nem sempre recebem apoio social.

Em relação a estas mudanças no papel do pai, tem sido amplamente discutido o conceito de envolvimento paterno. Lamb, Pleck, Charnov e Levine (1985) definem este conceito a partir de três dimensões de avaliação do comportamento paterno: interação, acessibilidade à criança e responsabilidade. A interação refere-se ao contato direto com o filho, em cuidados e atividades compartilhadas. A acessibilidade concerne à presença ou disponibilidade para a criança para possíveis interações. Já a responsabilidade diz respeito ao papel que o pai exerce garantindo

ressaltando que os casais, e não apenas as mulheres, e que as mudanças que ocorrem com os filhos durante a gravidez não são independentes das mudanças nas próprias gestantes. Os pais podem, inclusive, apresentar a Síndrome de Couvade, apresentando sintomas psicológicos semelhantes – e concomitantes – às das mães. Num estudo brasileiro investigando este conceito, De Martini (1999) verificou a presença da síndrome em aproximadamente metade dos pais. O envolvimento paterno na gestação envolve apenas a comportamentos – como acompanhamentos e ecografias – mas também a um envolvimento emocional, que estes aspectos não estão necessariamente relacionados (1982). Desta forma, entende-se que o envolvimento na gestação pode ser compreendido através das atividades relativas às gestantes e aos preparativos do bebê, do apoio emocional proporcionado durante o contato com o bebê, bem como das preocupações destes pais.

O envolvimento paterno pode variar ao longo da gestação, de acordo com o desenvolvimento da criança, conforme as características de cada pai. Há diferenças ao longo da gravidez, May (1982) descreve mudanças sequenciais no envolvimento paterno, constituído de três fases. A primeira é o período desde a suspeita de gravidez – com um grande impacto inicial – até a sua confirmação. Os pais podem experimentar reações de desinteresse e ambivalência. Na segunda fase, os pais aceitam a gestação como uma realidade, uma vez que os sintomas ainda não são evidentes. Em decorrência disso, o envolvimento emocional é a característica mais marcante. Na última fase, os homens vivenciam a gravidez como algo importante em suas vidas, conseguindo estabelecer um vínculo com o pai. Normalmente, segundo May, este último ocorre no terceiro trimestre da gestação, quando o bebê está mais próximo e os pais tornam-se mais preparados para a sua chegada.

No entanto, conforme a autora,

autores, o acompanhamento às ecografias, que permitem aos casais assistirem em videoteipe ao desenvolvimento e aos movimentos fetais, costumam encorajar o interesse e envolvimento dos pais.

Alguns pais, por outro lado, logo antecipam dificuldades financeiras que podem decorrer das despesas com o bebê e aumentam sua carga de trabalho, muitas vezes assumindo um segundo emprego. Esta sobrecarga de trabalho, e conseqüente afastamento do lar, pode ser um sinal de preocupação e ansiedade do futuro pai (Parke, 1996). Este autor afirma que os pais podem experienciar muita ansiedade durante a gestação, preocupando-se com o parto e a saúde do bebê, apesar de que as preocupações de ordem financeira se destacariam, sendo as mais prevalentes. Brazelton (1988), por sua vez, acrescenta que as preocupações com o aumento das responsabilidades para com a família e com as possíveis conseqüências nas relações sexuais também são recorrentes nos pais. Outras reações dos pais observadas por Szejer e Stewart (1997) e Souza (1997) são os sentimentos de exclusão e inutilidade, e fuga de todos os aspectos da preparação para a chegada do bebê, e, algumas vezes, do próprio ambiente familiar. Souza apontou ainda que alguns pais colocam-se como espectadores desinteressados, justificando que os problemas relativos à gestação são de responsabilidade da mulher.

A literatura revisada também indica que o envolvimento do pai já na gestação parece ter importantes implicações para o desenvolvimento das primeiras relações pai-bebê (Brazelton & Cramer, 1992) e mãe-bebê (Brazelton, 1988; Winnicott, 1966). Neste sentido, o presente trabalho teve por objetivo investigar e descrever o envolvimento paterno no terceiro trimestre de gestação.

Método

Participantes

Participaram deste estudo 35 pais que esperavam seu primeiro filho, com idades entre 21 e 40 anos. A idade média foi de 30,3 anos ($dp=5,4$). Todos viviam com a mãe do bebê, a qual não apresentava problemas de saúde durante a gestação. Os participantes eram de níveis sócio-econômicos

Utilizamos a escala de do (1975) envolvendo a combinação do pai para classificar o seu nível mais acurada. Esta classificação bastante uniforme, com 26,7% como “profissionais” (major business), 22,9% como “técnicos” (*medium business*), 17,1% em profissões “sem qualificadas”. Os 8,6% restantes quais não havia informação ocupações tiveram uma distribuição em termos de escolaridade, com 50% em escola sem ter concluído o ensino médio completo, e um com

Apesar de a escala de Hollingshead há quase 30 anos e ter se baseado há alguma evidência de que ela é usado nas famílias sul americanas. L (1995) encontraram uma alta classificação de Hollingshead e u Além disso, Ribas, Seidl de M encontraram que a classificação correlacionava significativamente conhecimento sobre paternagem com uma amostra de pais brasileiros colaboradores estivessem interessados sobre paternagem, ao invés de escolaridade das mães (0,41) e do conhecimento significativamente Hollingshead.

A amostra foi selecionada descritos acima, dentre os pais intitulado Estudo Longitudinal d à Escola (Piccinini, Tudge, Lopes, acompanha aproximadamente eram primíparas, representativas familiares, de diferentes idades, econômicos³. O contato inicial

entrevista, buscava-se investigar se a gestante era primípara, sua idade gestacional e seu estado de saúde, a fim de verificar se a família se enquadrava nos critérios para constituição da amostra descritos acima. Uma vez atendendo as características exigidas para participar do estudo, era marcado um encontro na residência dos participantes, quando as gestantes e os pais assinavam um consentimento informado e era realizada a Entrevista de dados demográficos (GIDEP, 1998b). Esta entrevista foi usada para se obter informações demográficas adicionais, como idade, escolaridade, estado civil, ocupação, religião e grupo étnico.

Os pais também responderam à *Entrevista sobre a Gestação e as Expectativas do Futuro Pai* (GIDEP, 1998c)⁴. Esta entrevista semi-estruturada buscava examinar as percepções do pai em relação ao planejamento da gravidez, sua aceitação, a imagem que o pai fazia da gestante, seu estado de humor predominante durante a gestação e a gravidez no contexto da relação com a esposa e demais membros de sua família. Além disso, abordava as percepções e fantasias do pai sobre o bebê e a paternidade. Para fins do presente estudo foram examinados apenas os relatos dos pais a respeito do seu envolvimento na gestação da esposa.

Resultados

Foi realizada uma análise de conteúdo (Bardin, 1977) para examinar o relato dos pais sobre seu envolvimento na gestação da esposa. Com base na literatura (De Martini, 1999; Parke, 1996) e nas respostas dos pais à entrevista foram criadas três categorias temáticas: 1) *Participação do pai na gravidez*; 2) *Interação do pai com o bebê*; e 3) *Preocupações do pai durante a gestação*. Estas foram divididas em subcategorias conforme explicitado a seguir. Dois juízes classificaram separadamente os relatos dos pais em cada categoria e subcategoria e, em casos de discordância, usou-se um terceiro juiz. Apresenta-se, a seguir, a caracterização de cada uma das categorias e subcategorias, buscando exemplificá-las através de relatos dos próprios pais. Ao final, são apresentadas tabelas com a distribuição das respostas em cada categoria e subcategoria.

se como grávido; acompanhamento às consultas pré-natal às ecografias; envolvimento nos preparativos para a chegada; informações sobre bebês e gravidez; desejo de assistir ao curso de gestantes; conhecimentos sobre o seu bebê. A subcategoria *referir-se como grávido*, pois o sentimento de gestando o bebê constitui-se em um indicativo da preocupação emocional do pai na gestação. De acordo com o autor, desde a década de 1970 a gestação passou a ser vista sob uma questão concernente à família, e não apenas sob uma forma, segundo o autor, não é somente a mãe que ficaria grávida.

Diversos relatos de *apoio emocional à gestante* foram encontrados nas entrevistas analisadas. Este apoio engloba o apoio dos pais referentes a tranquilizar e acalmar a gestante e as modificações no seu corpo, estar mais disponível para ela e ser mais paciente e compreensivo: *... eu tenho a possível tranquilidade, porque já chega a ansiedade dela, eu também começo a demonstrar demais a ansiedade dela. Mas eu tenho só elogiado, acho ela super bonita a gestante, as mudanças no corpo dela, eu acho super bacana, e eu não faço questão de falar porque eu tenho elogiado; Eu não tenho hábitos até, por causa da carência dela, eu até há um tempo com ela, não vou mais ligar a televisão, só tu liga, porque tô entretido olhando televisão, olhando um jogo.*

O *apoio material à gestante* também foi bastante mencionado se ao auxílio prestado à companhia, a impossibilidade de realizar algumas tarefas domésticas, dirigir e cuidados pessoais incluídos com a saúde da companhia: *Quando ela tá com uma sopinha... eu faço chazinho para ela..., tá na cozinha acontecendo, se tem que buscar remédio eu busco; O tipo varrer os carpetes... eu vou lá e faço, porque eu não posso poder fazer; Então claro, eu não tenho o mesmo tempo pra fazer as coisas [afazeres domésticos], mas tem.*

A subcategoria *referir-se como grávido* era utilizada por alguns pais, nas quais eles se colocavam como estando grávidos, relatando sintomas físicos: *A sensação minha é como se eu fosse sem nenê na barriga; Então, é interessante porque eu não sei se*

das imagens. Alguns pais ainda gravaram as ecografias: *Quando a gente viu na imagem, porque teve um momento lá que ele virou o rostinho e abria e fechava os olhos. Bah, aquilo ali era... é uma emoção, é única; Sempre foi assim, aquele medo inicial, pra ver se tava bem e depois que o médico ia falando, tá aqui o coração, “tá aqui a cabeça, tá aqui a perninha, os braços, as mãozinhas perfeitas, a gente vai se tranquilizando e cada vez querendo ver mais”;* *“Ah, bah, parecia que ele tava conosco ali... Ele tava sabendo que a gente tava enxergando ele... Então foi assim, a presença dele foi muito marcante; É que a gente é leigo no assunto, tu vai lá, tu vê na televisão as imagens, mas tu não sabe onde é que está. Ele mostra lá, “aqui é a perninha, aqui é a cabecinha, aqui é a coluna, aqui é não sei o que” é bem difícil.*

O envolvimento nos preparativos para a chegada do bebê foi manifestado através do relato da participação do pai na organização da casa e do quartinho, planejamento de férias, escolha da maternidade e da creche, compras para o bebê e preparação da sua “malinha” para o hospital: *A gente soube da gravidez a gente começou a planejar a casa, né, trocar aqui, fazer o quarto dela, fazer tudo pra ela; Que agora a gente se preocupa mais em ter lugar e em conservar o ambiente, eu tenho que me desfazer de algumas coisas que eu não queria; Lá [na creche] é bom, eu conheço o pessoal de lá, tem bastante pessoas pra atender... já tá tudo certinho [para colocar o bebê], vou lá quando já tiver certo.* Os participantes também verbalizaram interesse na busca de informações sobre bebês e gravidez em revistas, jornais, programas de tv e em pessoas mais experientes: *A gente tem se preparado bastante, até com algumas leituras, tem bastante livros... a gente procura também se informar com os pais da gente.*

Poucos pais manifestaram desejo de assistir ao parto, bem como a participação em cursos de gestantes. Devido ao acompanhamento de muitos pais às consultas médicas e às ecografias, e a partir de suas próprias impressões, alguns pais demonstraram possuir diversos conhecimentos sobre o seu bebê: *Eu já sei que ele tem dois quilos, que o fêmur dele tem seis centímetros. Já estão me dizendo que ele é cabeçudo. Que vai ter um*

peção... Ele não é nem grande nem pequeno. Ele é esperto, já tem praticamente a personalidade dele. E outros pais não manifestaram este conhecimento: não sei nada [sobre o bebê], nada mesmo.

A Tabela 1 apresenta as porcentagens das respostas para a categoria *Participação do Pai na Gravidez*. Pode ser observado, o acompanhamento da participação mencionada pelo pai, seguida pelas atitudes de apoio emocional. Outras formas de participação do pai presentes nos seus relatos: 68% do pai acompanha a gestante às consultas pré-natais; 57% descreveram os preparativos para a chegada do bebê e os conhecimentos sobre o seu bebê. Os pais apresentaram uma frequência baixa de participação assistindo ao parto (17%), referir-se a informações sobre o bebê (11%) e de apoio emocional (6 %). Considerando a participação envolvendo sua participação na gravidez, a média, aproximadamente seis respostas por pai se refere às ocorrências de respostas de distribuição de porcentagens semelhantes para a participação emocional à gestante e acompanhamento do parto se entre as subcategorias mais mencionadas.

2) Interação do pai com o bebê

Grande parte dos pais referiu-se a interagir com o bebê buscando ativamente este contato físico com o bebê no útero. Para fins de análise, esta interação foi dividida em três subcategorias: *reações frente ao bebê*, *interação pelo pai de interação com o bebê*; e *pouca interação*.

Tabela 1

Porcentagem e Frequência de Respostas para a Categoria “Participação do Pai na Gravidez”

Participação	Número de pais ¹	Total de respostas
Acompanhamento às ecografias	91% (32)	19% (41)
Apoio emocional	83% (29)	23% (50)

As reações frente às manifestações do bebê referidas pelos pais dizem respeito às suas sensações, impressões e sentimentos despertados pela observação das manifestações do bebê. Estas reações compreendem: emoção e alegria, atribuição de características de personalidade, certificação da presença do bebê, impressão de que ele reconhece o pai e responde — ou não — aos seus estímulos: *Não é quando tu quer que ele mexe, é quando ele quer.; O bom de quando tu sente mexer é que daí tu tem certeza que ele tá ali dentro.* Além disso, alguns pais reclamaram da dificuldade de sentir os movimentos e reações do filho: *Ele mexe, a K. me fala, eu vou lá e toco, mas na verdade eu sinto pouco, eu não consigo sentir; Eu não sou muito atraente pra ela [filha], se eu ficar conversando com ela, não se mexe muito, então eu tenho que ficar quietinho pra ela poder se mexer.*

A subcategoria *busca ativa de interação com o bebê* foi também bastante citada pelos participantes, e abrange os comportamentos que buscam um contato mais próximo com o bebê na barriga da mãe, como conversar, ler histórias, acariciar e beijar a barriga da gestante: *Bah, o cara fica ali, bota a mãozinha, conversa né... Eu fico trovando, conversando com ele um tempão, ali, é muito bom; Já leio historinha agora que tá na barriga.* Foram observados alguns relatos de *pouca ou nenhuma interação* com o bebê, o que pode decorrer de dificuldades dos pais em relação a esta atividade como, por exemplo, não se sentir à vontade: *A mãe conversa, bastante até. E eu não... não é de mim assim; Toco muito pouco. É que ela reclama muito... que eu teria que tocar mais, conversar mais, só que não, realmente não; Ela pede para eu conversar com a criança, eu não tenho jeito né, fico meio sem jeito.*

A Tabela 2 apresenta as porcentagens e frequências de respostas para a categoria *Interação com o bebê*. Pode-se verificar que a maior parte dos pais relatou ter tido algum tipo de reação frente às manifestações do bebê (88%) e também ter buscado ativamente interação com o bebê (80%). Somente 17% dos pais consideravam ter pouca ou nenhuma interação com o bebê na barriga da mãe, embora estes tenham referido pelo menos uma das subcategorias apontadas acima em outros momentos da entrevista. Considerando o total de respostas (81) às duas primeiras

Tabela 2 mostra uma distribuição semelhante das porcentagens envolvendo número de pais.

3) Preocupações do pai durante a gestação

A maioria dos pais mencionou alguma preocupação em relação ao período da gestação de sua companheira, à relação com o filho e/ou exercício da paternidade. Seis subcategorias foram utilizadas para classificar as preocupações em relação ao bebê; ao parto; às finanças; ao aumento das responsabilidades.

Os pais relataram muitas preocupações em relação à saúde que envolviam a sua saúde, seu bem-estar, a saúde da mulher, pela gestação e necessidade de um maior apoio. *Ela não pode pegar peso, eu não deixo, a limpeza da casa, a roupa que ela ande na rua sozinha, dirigir muito menos; Eu não quero de contato... e ajudar pra ela ter uma coisa bem tranquila.* As preocupações bastante mencionadas pelos pais as *preocupações com a saúde* referindo-se à saúde do bebê durante a gestação, o parto, ao medo de malformações, síndromes, prematidão, etc. *Eu tinha preocupação quanto a formação dele, né, a gente quer tudo direitinho; No início eu tive até [preocupação] com a primeira gravidez, ela teve uma gravidez antes... então a gente tem medo. Será que ele vai ser... não tem perigo né, de nascer com alguma coisa. As preocupações em relação ao parto, em particular o tipo de trabalho de parto e/ou tipo de parto, com o parto normal ou uma cesariana, foram também manifestados. *Eu tenho medo do parto, de dar uma complicação, alguma coisa acontecer, eu tô com medo de ter que ser uma cesárea... tem uma coisa mais complicada.**

Com relação às preocupações financeiras, os pais também verbalizaram suas inquietações em torno da necessidade de uma renda financeira de se preparar para a chegada do filho e futuramente, sustentá-lo. Enquanto alguns pais relataram a necessidade de aumentar a renda, através de um novo emprego, outros temiam perder o emprego. *Eu não sei, cara tem assim preocupações financeiras... ninguém quer ficar em casa, eu tenho serviço público e eu trabalho num órgão público, mas no momento eles podem me botar pra rua... daí eu não sei, não sei assim; Eu acho que em moradia e em condições de*

de seu filho(a), à semelhança do que tem sido encontrado por outros autores (De Martini, 1999; Parke, 1996). Com relação à participação dos pais na gestação, salientaram-se as verbalizações que referiam apoio emocional e material à gestante, acompanhamento às consultas pré-natais e ecografias, e envolvimento com os preparativos para a chegada do bebê, o que corrobora os achados de De Martini. Quase todos os participantes relataram apoiar emocionalmente sua companheira, estando mais disponíveis, pacientes e compreensivos. De acordo com Pleck (1997), os homens tenderiam a reagir positivamente ao aumento das necessidades emocionais de suas esposas durante a gestação. Do mesmo modo, Krob (1999) afirmou que a maioria dos participantes de seu estudo demonstrou sensibilidade para perceber mudanças emocionais em sua esposa durante a gravidez, tentando adequar os seus comportamentos a esta situação. Para a autora, os pais mais conectados emocionalmente à gestação estariam mais predispostos a reagir adequadamente às necessidades de apoio e compreensão de suas esposas.

A grande incidência de envolvimento emocional relatada pelos pais do presente estudo pode estar relacionada ao período gestacional em que foram realizadas as entrevistas, o 3º trimestre da gestação, período marcado pela proximidade do nascimento do bebê. A terceira fase do envolvimento paterno na gestação, proposta por May (1982), sugere que este é o período em que os pais estão mais conectados emocionalmente com a gestante, a fim de sentirem a gestação como algo presente em suas vidas e, desta maneira, prepararem-se para a paternidade. Soma-se a isto o apoio material relatado pelos pais, o qual também se apresenta como uma forma de envolvimento importante, pois, para alguns pais, ajudar fisicamente sua companheira constitui-se em uma forma de expressar seu interesse pelo bebê e agradá-la (Krob, 1999). Quanto a menor ocorrência de apoio material, em relação ao emocional – encontrada no presente estudo – pode-se pensar que a mudança no papel do pai, a qual se define por um maior envolvimento com a paternidade desde a gestação, pode não ter se traduzido em uma mudança efetiva em termos dos comportamentos destes pais. Neste sentido, Trindade, Andrade e Souza (1997) enfatizaram que, apesar de recentemente

manifestaram uma certa incompreensão das necessidades da gestante, em certos casos, lhes deu origem a uma vivência de preocupação ou até mesmo indiferente – da ecografia. Devido às dificuldades de um leigo para compreender a importância do exame, este tipo de reação pode estar associado à distância emocional dos pais em relação ao bebê. Assim, as dificuldades destes pais em sentir a gestação como real podem ser um indicio de sentimento de distanciamento quanto à paternidade (May, 1982).

O envolvimento nos preparativos para o parto mostrou-se também bastante presente nos pais. De acordo com Szejer e Stewart (1997), este tipo de participação mais ativa do pai representa uma grande ajuda para a mãe, além de ser uma forma de envolvimento com o bebê. De outra maneira, sobremaneira os pais, pois faz com que eles se sintam mais ocupados com a vinda de seu filho. De Martini (1999) afirma que a participação do pai nos preparativos para o parto e o bebê tende a ser mais comum no 2º trimestre da gestação, já que a gestação ainda não é vista como algo concreto e ainda um grande risco de aborto. Além disso, no 3º trimestre, o sexo do bebê ainda não é conhecido. Já no 3º trimestre, os pais estaria bastante concentrada na sua preocupação com a paternidade, em função da iminência do nascimento.

Mais de um terço dos pais referiu possuir conhecimento sobre o desenvolvimento do seu bebê através do acompanhamento às ecografias, através das explicações pelo médico e pelas suas próprias observações. Isto indica o interesse destes pais pelo desenvolvimento de seus filhos, refletindo também suas preocupações com a saúde do bebê, as quais mostraram-se marcadas no presente estudo, como será destacado abaixo. Também chamou a atenção o fato de que apenas 4 participantes verificaram na busca de informações sobre bebês e gravidez em jornais, programas de TV e em pessoas mais experientes. Se a isto o fato de apenas 2 pais terem recebido informações sobre a gestante, o que também poderia lhes trazer informações sobre o bebê, gestação e parto. De acordo com os achados de Parke (1996) e Krob (1999), os pais

Os resultados revelaram, ainda, que pouquíssimos pais manifestaram desejo de assistir ao parto. Este dado parece indicar que o parto ainda é visto como algo essencialmente feminino, onde a participação do pai não encontra lugar. Esta idéia é, muitas vezes, reforçada pela equipe médica e pela organização hospitalar, visto que a participação do pai no trabalho de parto não é permitida em grande parte dos hospitais da rede pública de Porto Alegre. Além disto, o próprio pai pode sentir-se despreparado para acompanhar a experiência do parto. Parke (1996) e Szejer e Stewart (1997) alertaram que, caso eles sejam pressionados a participar, poderão tomar o trabalho de parto mais complicado para todos os envolvidos. Klaus (1993) afirmou que a intensa ansiedade vivenciada por alguns pais frente à dor sofrida por sua parceira pode, muitas vezes, resultar em intervenções médicas desnecessárias. A autora colocou, ainda, que a experiência do parto pode causar extremo desgaste emocional para o pai. Este desgaste seria fruto da percepção da dor e do medo vivido pela parturiente, das preocupações vividas pelo próprio pai, em relação à saúde do bebê e da mãe, e da extrema exposição da intimidade de sua companheira, o que, em algumas culturas, é motivo de vergonha para o homem. Contudo, a equipe médica freqüentemente desconsidera toda esta carga emocional, exigindo do pai que acompanha o parto um papel que ele não têm condições de assumir, de extrema tranquilidade e contenção das ansiedades da parturiente (Klaus, 1993).

Para que a presença do pai durante o parto seja positiva, ele necessita de treinamento e apoio (Szejer & Stewart, 1997). Todavia, estes autores colocaram que os homens costumam ficar muito pouco à vontade nas sessões de preparação para o parto, sentindo-se deslocados. Por outro lado, os cursos de gestante, oferecidos em muitos hospitais de Porto Alegre, mostram em sua própria denominação um convite à mãe e uma exclusão ao pai, o que também é evidente em seu funcionamento, que muitas vezes não permite a participação dos pais. Acreditamos que esta inadequação dos cursos de preparação para o parto às necessidades dos pais pode ser uma das explicações para a pequena menção a estes cursos pelos participantes deste estudo. A exclusão do pai em alguns

a interação com o bebê, desejando estar mais próximo com ele, através de conversas, dares de beijos e abraços e beijos na barriga da gestante. Esta interação com o bebê reflete um desejo de participação na paternidade, além de um grande desejo de contato com o bebê. Isto pode ser relacionado ao envolvimento paterno proposto por Klaus e Stewart (1997) observada no 3º trimestre de gestação. A amostra do presente estudo não encontrava a amostra do presente estudo.

No entanto, alguns pais reclamaram que não tinham os movimentos e reações do filho durante o parto. Nos relatos de pouca interação com o bebê, podemos ver estas dificuldades e/ou de sentir-se desconfortáveis. Estes pais ainda não sentissem o bebê durante suas vidas, não conseguindo, portanto, sentir-se mais próximos. Porém, todos os pais que revelaram ter tido contato com seu filho, ainda assim, relataram a presença de uma reação frente às manifestações de dor da mãe, o que acontecesse com freqüência. Isso indica que estes pais estavam, de alguma forma, envolvidos com o bebê, apesar de suas dificuldades. Ainda assim, os pais com o bebê no período gestacional não tinham referências na literatura que o envolvimento paterno. Todavia, o contato entre os pais e seus filhos durante a gestação, quando se pretende compreender o envolvimento paterno, bem como após o nascimento do bebê.

Os resultados do presente estudo indicam que os pais manifestaram diversas dificuldades durante a gravidez de suas companheiras. O estudo realizado por Krob (1999) também indicou que seria um período marcado por sentimentos de tristeza, alegria e ansiedade, e também de insegurança. Os pais mostraram que a maior parte do tempo foi dedicada pelos pais relacionou-se com a mãe e com o bebê da gestante, o que indica a existência de um envolvimento emocional com ambos. Alguns pais, apesar da freqüência, também relataram pouca interação com o bebê, desejando estar mais próximo com ele, através de conversas, dares de beijos e abraços e beijos na barriga da gestante. Esta interação com o bebê reflete um desejo de participação na paternidade, além de um grande desejo de contato com o bebê. Isto pode ser relacionado ao envolvimento paterno proposto por Klaus e Stewart (1997) observada no 3º trimestre de gestação. A amostra do presente estudo não encontrava a amostra do presente estudo.

delegado ao pai neste evento, sejam alguns dos fatores que expliquem esta aparente despreocupação. Mesmo assim, conforme Espírito Santo e Bonilha (2000), é preciso compreender que a medicalização do parto não atinge somente os pais, mas também as mães, pois a equipe médica se “apropria” deste momento tirando da mãe a confiança na sua capacidade de dar à luz e do homem o direito de participar do nascimento de seu filho. Em um estudo realizado em um grande hospital universitário de Porto Alegre, estas autoras constataram que as equipes obstétricas têm restringido sistematicamente a participação dos pais no parto e nascimento do filho, mesmo em situações que apresentam poucos riscos. Segundo as autoras, a autorização para que o pai possa assistir ao parto é dada somente no último momento, sendo que quando acontece a negativa, esta geralmente não é justificada pelos profissionais. No estudo de Espírito Santo e Bonilha a grande maioria dos pais entrevistados assinalaram o desejo de assistir ao parto sendo que aqueles que não puderam participar expressaram frustração e forte ansiedade. Estes achados contrariam, deste modo, os dados do presente estudo. Apesar de muitos profissionais e futuros pais acreditarem na importância da participação do pai no parto, deve-se lembrar que, para alguns pais, a vivência deste importante momento pode ser traumática ou mesmo insuportável. Portanto, a participação do pai não deveria ser uma prescrição, mas uma possibilidade, um convite, cuja decisão deveria ser respeitada e apoiada pelos técnicos e familiares.

Em relação às preocupações financeiras, embora estivessem presentes na fala de vários pais, elas também não foram as preocupações predominantes para os entrevistados do presente estudo. Este achado não corrobora a afirmação de Parke (1996) de que o dinheiro seria a principal preocupação dos pais durante a gestação, contestando a visão tradicional do papel do pai como restrito à provisão das necessidades materiais do bebê (Brazelton, 1988). A partir disto, podemos constatar que os relatos dos pais entrevistados parecem refletir uma mudança no papel paterno, a qual diz respeito à maior participação do pai nos cuidados com o bebê. Essa mudança é significativa, pois indica que os pais

gestação, a fim de aumentar a renda familiar, não se referiram temer pela instabilidade de seus meios de subsistência. As preocupações com o aumento das responsabilidades, se fizeram presentes nos relatos dos pais. Krob (1999) verificou que alguns dos pais entrevistados acreditavam que o nascimento aumentaria as suas mais responsabilidades, e envolveriam tanto aspectos práticos como emocional, que estes pais deveriam estar preparados para oferecerem aos seus filhos.

É importante assinalar que quase todos os pais do presente estudo relataram literalmente não terem preocupações com a gestação, embora alguns destes pais tenham preocupações em outros momentos da vida. É possível pensar que estes pais estivessem negando estas preocupações por ser demasiadamente penoso para eles lidar com todos os seus medos e angústias referentes à maternidade. Isto pode estar também relacionado ao estereótipo da paternidade que exige do homem um maior controle emocional. Ao mesmo tempo, esta aparente tranquilidade pode estar associada à necessidade dos pais de oferecerem ao bebê uma figura de apoio à gestante, contendo suas próprias preocupações deste período.

Considerações Finais

A partir do presente estudo, verificou-se que os pais demonstraram um expressivo envolvimento dos pais na gestação, em termos emocionais como compor o papel paterno. O envolvimento foi manifestado através da expressão das preocupações e ansiedades dos pais, do apoio emocional prestado à gestante, da sua participação em diversas atividades relativas à gestação e ao cuidado com o bebê. Juntos, estes dados revelam uma profunda modificação quanto à paternidade durante a gestação, a qual parece não se encontrar no universo feminino, pelo menos na vida dos pais aqui investigados. No entanto, alguns pais ainda enfrentam dificuldade em atender integralmente as necessidades

Deste modo, os pais demonstraram que o envolvimento paterno durante a gestação ainda encontra algumas barreiras, sejam estas subjetivas ou externas. Isso traz implicações para o envolvimento ativo dos pais não só neste período investigado da gestação, mas, provavelmente, também após o nascimento do bebê, quando a estas dificuldades paternas soma-se, por vezes, a resistência de algumas mulheres à participação dos companheiros nos cuidados do bebê (Burdon, 1998). Contudo, resta refletir se os estudiosos e a sociedade de modo geral, não estão exigindo do pai um envolvimento que está além de suas possibilidades, desconsiderando eventuais diferenças sexuais ou particularidades da maternidade e paternidade. Em realidade, a experiência física e emocional da gestação é bastante distinta para homens e mulheres e isto, provavelmente, tem conseqüências particulares para cada um deles, mas também enriquece a relação triádica mãe-pai-bebê. Neste sentido, Szejer e Stewart (1997) afirmaram que homens e mulheres apresentam recursos e reações muito diferentes e, portanto, seria mais útil a busca por ações complementares, ao invés de paralelas. O envolvimento paterno durante a gestação é um tema ainda pouco abordado em pesquisas psicológicas. No entanto, a investigação desta temática é de extrema importância, pois vários autores atestam o papel do pai já na gestação tanto no estabelecimento do apego pai-bebê como para o desenvolvimento na criança, de um senso de confiança e segurança (Costa & Katz, 1992; Parke, 1996; Silveira, 1998). Tomando os achados do presente estudo, recomenda-se que futuras pesquisas focalizem os diferentes estilos de envolvimento paterno (Parke, 1996), os aspectos transgeracionais relacionados ao envolvimento emocional do pai (Bowlby, 1989; Lamb, 1997) e os fatores culturais e sociais que podem estar determinando a quantidade e a forma de envolvimento desses pais na gestação (Burdon, 1998; Lewis & Dessen, 1999). O conhecimento daí advindo permitiria que fossem planejadas estratégias de prevenção e de intervenção, focalizando, principalmente, aqueles pais que manifestassem mais dificuldades em relação ao

- Costa, G. P. & Katz, G. (1992). *Dinâmica da gestação*. São Paulo: Artes Médicas.
- De Martini, T. A. D. (1999). *A transição para a paternidade e a síndrome de convive dos futuros pais ao longo da gestação*. não-publicada, Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS.
- Delmore-Ko, P., Pancer, S. M., Hunsberger, J. (1997). The relation between prenatal involvement and paternal involvement: parent: The relation between prenatal involvement and paternal involvement. *Journal of Family Psychology*, 14, 625-64.
- Espírito Santo, L. C. & Bonilha, A. L. (2000). O envolvimento do pai durante o parto e nascimento do bebê. *Revista de Psicologia*, 21(2), 87-109.
- Fein, R. A. (1978). Research on fathering: Some implications for family. *Journal of Social Issues*, 34(1), 122-135.
- Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Interação Social. (1997). *contato Inicial*. Porto Alegre: Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, não-publicado.
- Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Interação Social. (1997). *de dados demográficos do casal*. Porto Alegre: Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, (Instrumento não-publicado).
- Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Interação Social. (1997). *sobre a gestação e as expectativas do futuro pai*. Porto Alegre: UFRGS. (Instrumento não publicado).
- Hollingshead, A. (1975). *The four-factor alpha*. (Manuscrito não-publicado).
- Klaus, P. (1993). O novo pai. Em Associação de Obstetras e Ginecologistas do Brasil, Pré e Perinatal (Org.), *Anais, 1º Encontro Nacional de Obstetras e Ginecologistas do Brasil e Perinatal* (pp. 62-76). São Paulo, SP: Associação de Obstetras e Ginecologistas do Brasil.
- Klaus, M. H. & Kennell, J. H. (1992). *Pais e filhos*. São Paulo: Artes Médicas.
- Krob, A. D. (1999). *A transição para a paternidade*. Mestrado não-publicada, Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS.
- Lamb, M. E. (Ed.) (1997). *The role of the father in child development*. Wiley.
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L. & Lamb, D. E. (1991). The role of the father in humans. *American Zoologist*, 25, 883-892.
- Lewis, C. & Dessen, M. A. (1999). O pai e o filho. *Pesquisa*, 15, 09-16.
- Levy-Shiff, R. & Israelashvili, R. (1988). A exploration. *Developmental Psychology*, 24, 1-10.
- Maldonado, M. T., Dickstein, J. & Nahourian, M. (1997). *Desenvolvimento da criança* (ed.). São Paulo: Saraiva.

- Rezende, A. L. & Alonso, I. L. (1995). O perfil do pai cuidador. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 5, 66-81.
- Ribas, R. de C., Jr., Seidl de Moura, M. L. & Bornstein, M. H. (no prelo). Socioeconomic status in Brazilian psychological research: II SES and parenting knowledge. *Estudos de Psicologia*.
- Salmela-Aro, K., Nurmi, J., Saisto, T. & Halmesmaki, E. (2000). Women's and men's personal goals during the transition to parenthood. *Journal of Family Psychology*, 14, 171-186.
- Silveira, P. (1998). *Exercício da paternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Souza, S. L. (1997). O papel do pai. Em M.Zugaib, I. Tedesco & I. Awayle (Orgs.), *Obstetria psicossomática* (pp 62-70). São Paulo: Atheneu.
- Szejer, M. & Stewart, R. (1997). *Nove meses na vida da mãe*. São Paulo: Psicólogo.
- Trindade, Z. A. (1993). As representações sociais e o desenvolvimento da maternidade e da paternidade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 9, 1-10.
- Trindade, Z. A., Andrade, C. A. & Souza, J. Q. (1997). As representações da paternidade: A perspectiva do pai. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 13, 1-10.
- Winnicott, D. W. (1966). *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional.

Sobre os autores

César Augusto Piccinini é Professor do Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Milena da Rosa Silva é Mestre e Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Tonantzjin Ribeiro Gonçalves é aluna do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É bolsista CNPq.

Rita Sobreira Lopes é Professora no Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Jonathan Tudge é Professor na University of North Carolina at Greensboro, EUA. É pesquisador associado ao Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.